

A ORGANIZAÇÃO DOS “SETE POVOS DAS MISSÕES” E A EDUCAÇÃO DESENVOLVIDA NAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DO RIO GRANDE DO SUL: SÉCULOS XVII E XVIII

Carla Cattelan

Professora colaboradora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNOESTE e Mestre em educação pela mesma instituição. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

E-mail: carla.ccattelan@gmail.com

Resumo: O presente estudo é resultado das discussões feitas na disciplina de “Conhecimento Histórico e Educação” ofertada pelo Programa de Mestrado em Educação da Unioeste – Campus de Francisco Beltrão. O texto tem origem a partir de dados levantados nas ruínas e museus dos “Sete Povos das Missões” - Rio Grande do Sul - mediados por referenciais bibliográficos, com o objetivo de compreender a origem e organização educacional desenvolvida nos Povos das Missões, entre os séculos XVII e XVIII. O material bibliográfico é escasso, porém o acervo documental é imensurável. A partir do levantamento das fontes, o objetivo foi compreender historicamente a organização das reduções jesuítas no Rio Grande do Sul e o processo educacional destinado aos índios e seus filhos. Para tanto, utiliza-se fontes primárias clássicas, como o *Ratio Studiorum* e as Cartas Jesuítas, também documentos disponíveis nos museus rio-grandenses, articulando com fotografias, imagens e bibliografia regional disponível. O estudo se organiza metodologicamente em análise documental articulado a referenciais bibliográficos, a fim de compreender os determinantes históricos responsáveis pela origem das reduções, articulando aspectos educacionais e as necessidades de instrução dos indígenas, ora desenvolvidas por atividades educativas não formais, ora por práticas pedagógicas formais. Mediando e contrapostos aspectos relevantes da educação jesuíta nacional e local. A partir dessas perspectivas, o texto está organizado primeiramente, em discutir a origem dos “Sete Povos das Missões”, posteriormente em compreender os determinantes da educação desenvolvida nos aldeamentos, e finalizando com as organizações educacionais nacionais dos grandes Colégios Jesuítas e a apropriação das normas do *Ratio Studiorum*. Os resultados apresentados apontam que, mesmo que a pedagogia tradicional e as propostas pedagógicas disseminada pelos jesuítas em todo mundo fosse alvo de questionamentos, nos Sete Povos das Missões no Rio Grande do Sul, extrapolou os critérios pedagógicos definidos pelo *Ratio Studiorum*. Apesar da organização educacional não ter sido tão agressiva e normativa, quanto os colégios europeus, as reduções alcançaram seus objetivos como projeto evangelizador e civilizatório, mas além da catequese e da formação religiosa, os jesuítas proporcionaram aos indígenas a formação intelectual e as técnicas artísticas aprendidas nas oficinas, que andavam paralelas ao processo de aprendizagem e formação primeira dos sujeitos.

Palavras-Chave: Educação indígena, jesuítas, Sete Povos das Missões e Rio Grande do Sul.

Introdução

Segundo Fleck (2007) os primeiros jesuítas chegaram ao Paraguai em 1610, fundando aldeamentos para conversão indígena e defendendo a política expansionista espanhola na área do Rio da Prata, nesse período se organizavam os “Trinta povos das Missões”¹. As Missões em 1680

¹ Os “Trinta Povos das Missões” se constituíram nos países: Paraguai, Argentina e Brasil. Os “Sete Povos das Missões” (localizados no Brasil) fizeram parte da organização de reduções conhecida como “Trinta Povos”. <http://pousadamissoes.blogspot.com.br/2014/01/os-30-povos-das-missoes-parte-i.html> acesso: 17/02/2015



sofreram ataques constantes, tanto pelos índios não convertidos, como também pelos bandeirantes luso-brasileiros. Devido aos intensos conflitos, os jesuítas criaram sete novos aldeamentos, que serviram para a defesa da região. Esses novos aldeamentos estabeleceram-se na bacia do Rio Uruguai a partir de 1682, e foram conhecidos como “Sete Povos das Missões”, são eles: São Borja (1682); São Nicolau, São Miguel e São Luiz Gonzaga (1687); São Lourenço (1691); São João (1697) e Santo Ângelo (1706).

A origem das Reduções

O *Museu das Missões*² caracteriza a origem dos sete povos: **São Borja** ou conhecido como São Francisco de Borja se constituiu da redução de São Tomé e de Jesus – Maria dos Guenoas. A igreja foi construída em 1705, segundo riscos do arquiteto alemão José Brasanelli.

O povo de **São Nicolau** foi proveniente da antiga redução de Apóstolo. Hospedando-se na redução que São Roque Gonzalez fundou e abandonou em 1638. Em São Nicolau viveram os melhores escultores de todas as Missões.

São Miguel, foi fundada pelo padre Cristobal de Mendonza, em 1687 se estruturou definitivamente no Rio Grande do Sul (após fuga dos bandeirantes). A igreja só foi erguida em 1735 e depois de quase dez anos foi concluída (1744), onde hoje se encontra em ruínas.

O povoado de **São Luiz Gonzaga** foi formado por 900 famílias que anteriormente viviam na redução de São Joaquim.

São Lourenço foi desmembrado da redução de Santa Maria. Dizia-se que a igreja era a mais bela de todas as Missões, um incêndio teria causado a destruição total da mesma.

São João Batista foi formado pelos habitantes de São Miguel já que esta se encontrava com excessivo número de habitantes. Os trabalhos de organização do povoamento foram organizados pelo padre Antônio Sepp.

A última das sete reduções, **Santo Ângelo**, formou-se com o Povoamento de Nossa Senhora da Conceição. O templo construído abrigava a imagem de Santo Inácio de Loyola e de São Pedro Nolasco.

Em análise, foi possível perceber que todas as reduções formaram-se a partir de outras reduções ou indígenas já agrupados, o trabalho proposto pelos jesuítas neste período não era mais

² Localizado em São Miguel das Missões, compreende um acervo documental e monumental do período jesuíta. Compreende: estátuas, talhadas pelos indígenas e jesuítas, de santos; objetos utilizados nas reduções e ruínas de melhor preservação da original construção.



buscar indígenas para compor as reduções³ e sim os formar e lutar pela ocupação de um espaço que pudessem desenvolver suas atividades e construir a redução, como forma de proteção a estes povos.

Segundo documentação disponível no Museu das Missões (2013), muitas famílias e comunidades fragmentadas passaram a viver entre os missioneiros para se proteger das ameaças coloniais. Entre os primeiros cem anos, as reduções eram pequenos povoados, a população era em torno de trezentas a mil pessoas, oscilando devido a intensas epidemias, guerra e fome. As cabanas eram feitas de adobe e telhados de palha, tanto nas casas como nas igrejas, com fraca produção alimentícia⁴. Povoados surgiram, outros se dividiram e muitos desapareceram. Segundo Kreutz,

Redução ou Aldeamento era um processo de reunião de expressivo número de tribos indígenas, no mesmo povoado, proporcionando-lhes todas as condições de uma vida digna, sob os mais variados aspectos: alimentação, moradia, educação e, sobretudo, formação cristã. Sonhava-se com a constituição de uma réplica viva das primitivas comunidades cristãs [...] (2009, p. 27).

Este sistema veio propor de modo concreto, segundo o autor, a vivência utópica de uma sociedade justa, fraterna e solidária. Vivenciando uma opção preferencial ao mais pobre, no caso o índio. Quanto à organização, em todas as reduções obedeceu,

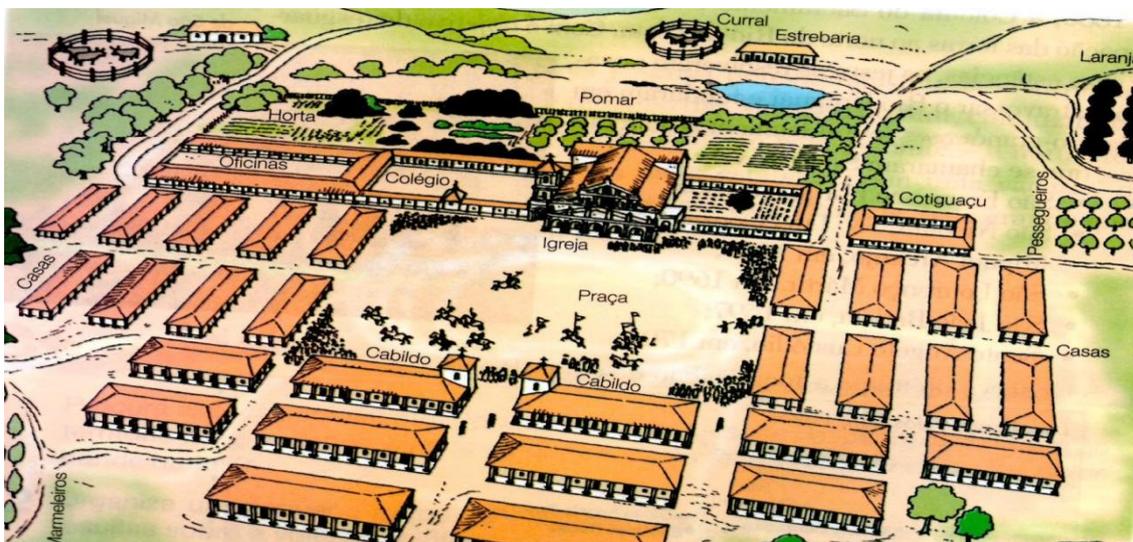
[...] a um mesmo esquema. As aldeias caracterizavam pelo seu traço ortogonal. A igreja era o ponto de referência, a edificação principal. Em frente, abria-se uma grande praça, de forma quadrangular. Contíguos ao templo ficava o hospital, o colégio, o cemitério e outros edifícios. Aos fundos situava-se a quinta dos padres com jardim, pomar e horta. Nos outros lados da praça é que se constituíam as casas de moradia. Eram todas dotadas de varanda contínua, formada por uma espécie de galeria coberta, ao longo das ruas que protegia os transeuntes do sol e da chuva (MUSEU DAS MISSÕES, 2013).

A imagem a seguir exemplifica a forma de organização das reduções, as sete reduções aqui destacadas seguiam os mesmos padrões, tanto estrutural como organizacional.

³ Segundo as cartas enviadas aos irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra, no início, das Missões em todo o Brasil, os Pe. Jesuítas adentravam o mato em busca de tribos para catequizar e disseminar a fé católica. Nestes matos encontravam diversos obstáculos e feras, muitos viram a morte de seus irmãos e também dos indígenas, assim retratados nas cartas.

⁴ No ano de 1549, segundo o Pe. Manuel da Nóbrega, em carta enviada aos irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra, caracterizou a alimentação dos índios neste período “(...) há diversas frutas de que comem os da terra (...) vejo dar-se parreiras, uvas até duas vezes por ano (...) cidras, laranjas, limões dão-se em muita abundancia, e figos também (...). O principal mantimento da terra é a raiz de pau, a que chamam mandioca, da qual fazem uma farinha de que comemos todos. E dá milho, o qual misturado com a farinha faz um pão que escusa o trigo. Há muito pescado e também muito marisco, de que se mantêm os da terra, e muita caça de mato, e gansos que criam os índios. Bois, vacas, ovelhas, cabras e galinhas também dão na terra (...)” (p. 32 – 33). Ainda caracterizou a alimentação de algumas tribos como canibais. Apesar da existência de diversas tribos indígenas, algumas características alimentares eram comuns e perduram até os dias atuais.

Imagem I: Organização das Reduções Jesuíticas



Fonte: MUSEU DAS MISSÕES, 2013.

O filme “Missão” (1986) retratou o trabalho desenvolvido pelos jesuítas na construção das reduções, na catequização indígena, no ensino das oficinas e nos colégios, bem como os obstáculos vividos neste período, como: perseguições, transposição de terras entre reinos de Portugal e Espanha, que resultou na guerra Guaranítica, conversão do índio na fé católica, o que também foi destacado nas Cartas jesuítas. O guarani era a maioria entre as reduções, por isso o idioma foi adotado como língua geral. Foi por volta de 1626, que teve início a ocupação do atual Rio Grande do Sul, com a fundação de reduções na área conhecida como *Tape*⁵.

Os aldeamentos,

[...] eram administrados por um ou dois jesuítas, contavam com até quatro mil indígenas e eram sempre construídos segundo o mesmo plano. O núcleo urbano de cada um dos Sete Povos distribuía-se em torno de uma praça central. No lado sul da praça alinhavam-se as oficinas, a escola, a igreja, o cemitério e a casa das viúvas e órfãos, o cotiguaçu [...] o aldeamento contava ainda com uma portaria, uma hospedaria, capelas, uma prisão e um relógio de sol (p. 110).

O filme “Missão” (1986) retratou a organização das reduções, sobretudo a Missão de São Miguel. Onde demonstrou sua devida organização, as oficinas de instrumentos musicais e esculturas, que eram lotadas de índios aprendendo a técnica. Os grupos de indígenas que

⁵ Região serrana do Rio Grande do Sul. Habitada por índios Guaranis, dos quais foram denominados pelos jesuítas de tapes-guaranis (KREUTZ, 2009).

trabalhavam na produção e colheita. O alimento produzido era dividido igualmente entre todos na redução.

As mulheres eram separadas dos homens e desenvolviam trabalhos e técnicas específicos, como: o cuidado com as hortaliças, a tecelagem, a confecção de peças em cerâmica, farinha de mandioca, o cozimento e a preparação dos alimentos dentre outros.

O “Show de luzes”⁶ sintetiza a organização indígena nas reduções, o trabalho desenvolvido pelos padres jesuítas disseminando a fé cristã e os ensinamentos culturais e artísticos. Destaca a visita do rei para averiguar as atividades desenvolvidas pelos padres jesuítas nas missões e estabelece descrição minuciosa de cada divisão da redução. Exemplificando as salas escolares destacando meninos e meninas educados separadamente e estabelecendo conteúdos diferenciados.

As ruínas de São Miguel são as mais bem preservadas no Brasil. Segundo o “Núcleo Expositivo, Memória e História”⁷ em dezembro de 1983, as ruínas foram reconhecidas pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

A educação nos sete povos

Segundo Fleck (2007) o objetivo maior dos jesuítas nas reduções dos Sete Povos das Missões, foi o estabelecimento de uma escola que atendesse a educação da juventude na vida cristã, como meio para formar líderes indígenas para administrar a redução⁸. A escola,

[...] era edificada em torno de um pátio central, com salas de aula, refeitório e cozinha, e estava destinada aos meninos que se alfabetizavam. Nas oficinas, os meninos aprendiam música e canto e dedicavam-se ao aprendizado de um ofício. Atrás da igreja se estendiam o pomar e a horta, onde os meninos aprendiam técnicas agrícolas e eram produzidos alimentos que sustentavam os doentes e as mulheres viúvas. As moradias dos Guarani se erguiam do outro lado da praça e eram de pedra, com muros de um metro de espessura e cobertos com telhas. O aldeamento contava ainda com uma portaria, uma hospedaria, capelas, uma prisão e um relógio de sol (FLECK, 2007, p. 110).

⁶ Amostra de luzes que acontece toda noite nas ruínas de São Miguel. Conta a história das reduções e da luta indígena utilizando somente som e luz.

⁷ Localizado na área das ruínas e que reúne um acervo fotográfico e documental da época.

⁸ Ao contrário dos grandes Colégios construídos pelos Jesuítas no litoral do Brasil, que seguiam a organização do Ratio Studiorum, instruindo basicamente os filhos dos colonizadores. Conforme carta do Pe. João Navarro (1551), pedindo ao rei ajuda na construção de um Colégio Jesuíta segundo ele “Este colégio será bom não somente para recolher os filhos dos gentios e dos cristãos, para ensinar e doutrinar; mas também para a paz e o sossego da terra e proveito da república” (p. 83).

Kreutz (2009) afirma que em todas as reduções dos Sete Povos foram criadas escolas, com a finalidade de transmissão da doutrina cristã e ao mesmo tempo, foi ensinado ao indígena, a ler, escrever, fazer contas, a música, a dança, a cozinhar, cerzir e fiar.

As classes eram organizadas por gêneros, feito uma seleção para a entrada, porém praticamente todas as crianças tinham acesso a escola ou a uma oficina. Aprendiam a língua Espanhola e o Latim, além da língua mãe o Guarani. Deviam participar diariamente das missas, bem como os adultos, nas celebrações não faltavam a música e o canto litúrgico⁹.

A educação mereceu, nas Missões, atenção especial, quanto a prática formal de ensino e aprendizagem de conhecimentos e habilidades para diversos ofícios, constituiu bem mais que formação de hábitos. Em termos de qualificação profissional e de aprendizagem visou a inserção dos indígenas na doutrina, com práticas religiosas e horários bem regulamentados (FLECK, 2007).

A fotografia a seguir, identifica o local utilizado e construído como sala escolar na redução de São Miguel das Missões. Em todos os outros compartimentos destinados as oficinas, casas dos indígenas e demais agrupamentos de pedras, estes eram de chão batido. Porém as salas destinadas a formação intelectual apresentava chão minunciosamente trabalhado em pedras de igual tamanho.

Fotografia I: Ruínas de onde se localizava a escola em São Miguel



Fonte: CARLA CATTELAN, 2013.

⁹ Na Carta 5 de Pe. João de Azpilcueta Navarro (Salvador, agosto de 1551) aos irmãos da Companhia de Jesus de Coimbra, destaca a dificuldade de aproximação a fé católica em alguns aldeamentos indígenas no início de sua missão no Brasil (...) andamos por outras aldeias não sem pouco trabalho e desconsolo por ver tão pouco conhecimento de Deus e gente tão indisposta e incapaz para receber a fé, ainda que com sua rudeza mostrem folga em ouvi-la e desejos de recebe-las” (p. 79 – 80).



A educação jesuíta era conhecida na Europa pela sua excelência, porém nos Sete Povos das Missões não foram instaladas escolas que atendessem especificamente o ensino regular, limitando-se a algumas noções básicas de aritmética e alfabetização. Pois, apenas dois missionários não conseguiam atender toda a demanda, desta forma o ensino intensivo não era praticado nas Reduções.

A pedagogia instituída pelos jesuítas nos Sete Povos aproximava-se em qualidade da difundida na Europa, porém tinha suas peculiaridades e tomava sua singularidade¹⁰ adaptada à realidade das reduções.

A formação educacional se dava atrelada ao aprender de um ofício, participação nas oficinas, através da música e da participação nas missas. A música fascinava os indígenas, e esta foi utilizada pelos missionários para atraí-los as reduções. Muitos índios desenvolveram aptidões para a música e logo todas as reduções contavam com uma banda. (FLECK, 2007).

Na igreja as crianças de sete anos, até a idade de se casar, eram reunidas e levadas diante da igreja, ao nascer do sol. Duas crianças recitavam orações, repetidas em coro pelos companheiros e orientados por catequistas índios. Em seguida participavam da missa juntamente com os adultos. Quando deixavam o templo recitavam preces e recebiam o *desjejum* um prato com carne cozida e milho, logo em seguida começavam o trabalho nas reduções, que compreendiam seis horas diárias. As crianças eram distribuídas em várias ocupações. As menores de sete anos ficavam com um ancião recitando preces e aprendendo o sinal da cruz. (FLECK, 2007).

Rabuske apud Fleck (2007) aponta que os filhos dos caciques, magistrados, funcionários e sacristãos, frequentavam escolas de primeiras letras, nas quais aprendiam ler e fazer contas, não apenas em guarani, mas também em espanhol e latim. Após o ensino rudimentar, os alunos que demonstravam vocação para o canto, música ou dança era admitidos em uma escola mais especializada e outros eram oferecidos cursos de especialização profissional em oficinas. Os meninos que não eram estudantes, aprendizes ou membros do coro, eram destinados após a missa, a trabalhos comunitários, dos quais as meninas vigiadas e separadas também desenvolviam. Ao final da tarde as crianças eram reunidas para o catecismo, cobrando-lhes o conhecimento e a memorização, recompensados em caso de acerto.

¹⁰ Os grandes colégios jesuítas foram construídos nas capitais e atendiam preferencialmente os filhos dos colonizadores, homens brancos, seguindo rigorosamente o *Ratio Studiorum*. Quanto as pequenas escolas nas reduções, os jesuítas se dedicavam ao ensino da cultura indígena local e pequenas noções de escrita e leitura para que os índios pudessem ter o contato com a língua espanhola, latim e também aprendessem os ensinamentos religiosos.

No início das missões jesuítas, as oficinas ensinavam apenas o essencial, suprindo as necessidades básicas das reduções. Com o passar do tempo os jesuítas contaram com o auxílio de alguns índios, chamados de *alcaides*, para a instrução dos demais. Cada ofício possuía seu *alcaide – fiscal* que controlava o trabalho e ensinava os aprendizes. As mulheres foram orientadas para os trabalhos com a horta, cozinha, cerâmica e tecelagem.

As oficinas possibilitaram o desenvolvimento de diversos talentos artísticos, dentre eles os expostos no Museu das Missões e nas igrejas preservadas dos demais povos, as esculturas talhadas em madeira e feitas em argila, com expressões perfeitas, e dotadas de religiosidade.

Por meio do ensino ministrado nas escolas das reduções, os jesuítas empregaram eficientemente uma “política de aproveitamento de talentos”, valorizando as aptidões e encaminhando os indígenas para as mais variadas funções nas reduções, orientadas para o “bem comum”. Sempre houve por parte dos missionários, a preocupação em capacitar o Guarani sob sua tutela, introduzindo nas reduções uma concepção bastante moderna de trabalho e de técnicas produtivas. Todos nas reduções tinham alguma função, inclusive velhos e crianças, pois além dos trabalhos na terra, produziam instrumentos, utensílios e roupas nas oficinas (NEUMANN apud FLECK, 2007).

A pedagogia original desenvolvida nas reduções dos Sete Povos das Missões, pelos jesuítas, sem dúvida se estabeleceu atrelada as normas e orientações da Companhia Missioneira, porém também não deixou de incorporar a esta educação as experiências dos indígenas, bem como sua originalidade enquanto a dança e a música, preservando de certa forma sua cultura. Não criou apenas um centro de formação indígena, nas reduções, para a vida religiosa e os costumes cristãos, e sim uma “comunidade”, de certa forma utópica, onde o índio se sentia protegido da plena colonização e da instituição de novos modos e costumes, que iriam acabar por suprimir sua cultura.

Os jesuítas acreditavam nos índios e tinham por eles total empenho na sua formação, como retrata o filme *Missão: o rei percebeu* que “[...] os jesuítas tinham poder de mais aqui [...]” muitos jesuítas lutaram, mesmo contra seus votos, a favor dos índios. Porém não foi possível manter o que fora criado durante esses séculos. Com a expulsão dos jesuítas, outro modelo educacional fora instituído no Brasil.

O *Ratio Studiorum*

Para orientação da educação promovida pela ordem jesuíta, foi elaborado no século XVI, o *Ratio Studiorum* que tratou de um manual pedagógico, com um conjunto de detalhadas regras que indicou o trabalho dos professores. O objetivo era a formação de uma única maneira de ensinar,

formando uniformemente. Seria a base comum para o suporte do trabalho dos jesuítas, sendo o trabalho orientado por um método, que estabelecia o currículo do colégio e devia ser seguido por todos os integrantes da Companhia.

Nas regras do provincial, a primeira parte da organização do documento, este pontuou os objetivos de estudos na Companhia:

[...] como um dos mistérios mais importantes da nossa Companhia é ensinar ao próximo todas as disciplinas convenientes ao nosso Instituto, de modo a leva-lo ao conhecimento e amor do Criador e Redentor nosso, tenha o Provincial como dever seu zelar com todo empenho para que aos nossos esforços tão multiformes no campo escolar corresponda plenamente o fruto que exige a graça da vocação. (FRANCA, regra 1^a, séc. XVI).

Na regra 5^a, no inciso 9, destacou o privilegio dos estudos em favor dos humildes. Ainda, na regra 14^a que nos estudos, devem começar as aulas abaixo do nível científico, para que possa elevar com os alunos a um grau superior. Quanto à diversidade de estudos destacou na regra 24^a,

[...] na variedade de lugares e tempos e pessoas pode ser necessária alguma diversidade na ordem e no tempo consagrado aos estudos, nas repetições, disputas e outros exercícios e ainda nas férias, se julgar conveniente na sua Província, alguma modificação para maior progresso das letras, informe o Geral para que se tomem as determinações acomodadas a todas as necessidades, de modo porém, que se aproximem o mais possível da organização geral dos nossos estudos (FRANCA, séc. XVI).

O *Ratio Studiorum* previa um programa de formação e um método de ensino moral, intelectual, religioso e disciplinar que estabeleceu os parâmetros para a educação jesuítica europeia. Os jesuítas estudavam durante quatro anos: gramática, humanidades (Retórica, geografia e história) e a língua nativa da região onde seriam destinados. Seguiam cursos de filosofia e ciências e teologia e ciências sagradas, desenvolviam habilidades artísticas e alguns ofícios.

Os jesuítas concebiam o ser humano como um ser dotado – por natureza- de uma personalidade inacabada e tosca, mas em eterna evolução, já que o corpo degenerava, mas a alma era eterna. Os índios foram, em razão desta concepção, considerados em um nível evolutivo ainda primário, mas por serem tidos como páginas em branco poderiam ser supostamente “preenchidas” com mais facilidade, tendo suas almas aprimoradas (FLECK, 2007, p. 113).

Quanto às regras comuns aos professores o documento destaca 50 itens, discriminados em regras rígidas para o andamento das aulas, remetendo-se a: avaliação, organização metodológica, prática docente, explicação de conteúdos, correção de trabalhos, disciplina, punições dentre outros.

As missões organizadas pelos jesuítas no Brasil, especificamente as tratadas no texto, obedeceram aos ensinamentos e as regras dispostas no *Ratio Studiorum*, porém, foram adequadas pelos jesuítas a realidade vivida pelo indígena e as suas formas singulares de apropriação dos ensinamentos. Promoveram a disseminação e o aprofundamento na aprendizagem de escultura, oficinas técnicas, no coro e na música, até então tidas como segundo plano no documento. Os objetivos propostos pela Companhia foram concretizados e os índios foram catequisados e “civilizados”.

O processo de decadência das reduções ocorreu em função dos tratados que vinham estabelecendo Portugal e Espanha. Em 1750, o Tratado de Madri, que troca a Colônia de Sacramento pelo território dos Sete Povos das Missões, obriga os índios a abandonarem as terras.

A Guerra Guaranítica (1754 – 1756) destaca a figura do índio Sepé Tiarajú¹¹ e dissemina os índios nas reduções. O Tratado de Madri é anulado pelo Tratado de El Pardo em 1761, permitindo que os índios que restaram, voltassem as terras, até a definitiva expulsão dos jesuítas do domínio espanhol, decretada por Carlos III, rei da Espanha. A guerra Cisplatina em 1828 destrói o que ainda resta da civilização missioneira, quando D. Fructuoso Rivera incorpora a seu exército todos os homens que encontra nas Missões.

O quadro a seguir mostra a diminuição dos habitantes em cada uma das reduções dos Sete Povos das Missões durante o período em que permaneceram sob as orientações jesuíticas.

Quadro I: Número de habitantes em cada redução dos Sete Povos das Missões

	ANO/HABITANTES	ANO/HABITANTES	ANO/HABITANTES
São Borja	1694 – 2.888	1801 – 1.300	1822 - 200
São Nicolau	1687 – 3.000	1707 – 5.386	1822 - 250
São Miguel	1694 – 4.192	1707 – 3.000	1822 - 600

¹¹ Segundo informações dispostas no Museu das Missões, o índio Sepé Tiarajú, nasceu em um dos aldeamentos dos Sete Povos das Missões. Tornou-se líder das milícias indígenas que atuaram contra as tropas luso-brasileiras e espanhola, na Guerra Guaranítica. Morreu em combate contra o exército espanhol na batalha de Caiboaté, as margens da Sanga da Bica, na entrada da cidade de São Gabriel. Por seu feito, foi considerado um santo popular, virou personagem lendário no Rio Grande do Sul, e sua memória ficou registrada na literatura por Basílio da Gama no poema épico “o Uruguaý” (1769) e por Erico Verissimo no romance “O tempo e o vento”. Sua frase celebre “Esta terra tem dono!”.

São Luiz Gonzaga	1691 – 3.049	1707 – 3.197	1822 - 200
São Lourenço	1691 – 3.512	1707 – 4.912	1822 - 250
São João Batista	1697 – 2.832	1707 – 3.361	1822 - 300
Santo Ângelo	-----	1709 – 2.879	1822 - 300

Fonte: A partir de dados do Museu das Missões.

Os indígenas foram atraídos e agrupados nas reduções, houve reduções que passavam de quatro mil habitantes, conforme o quadro. Com o passar do tempo, as lutas e perseguições foram disseminando os indígenas e extinguindo as reduções.

Considerações

A organização das reduções indígenas e as orientações educacionais utilizadas pelos jesuítas nos possibilitam algumas reflexões sobre as questões tratadas no texto. Os índios não foram educados somente para uma vida religiosa cristã, mas foram formados, nas reduções, com costumes e cultura, aprenderam a organização, técnicas de cultivo e criação de animais até então desconhecidas (acreditasse que os índios nas reduções foram os precursores das técnicas de criação de gado, que foi usada ao longo dos anos pelos sulistas). “Foi este gado espalhado pelos pampas de todo o Sul, que acabou definindo a vocação econômica do Rio Grande do Sul: a pecuária, de alguma forma ligada a todos os seus acontecimentos históricos” (MUSEU DAS MISSÕES, 2013).

Os indígenas foram “arrancados” da floresta, porém a natureza nunca saiu deles, a prática da caça e pesca prevaleceram nas reduções, se manteve os costumes e a organização hierárquica da tribo e a vida em comunidade. O índio além de aprender a ler e contar aprendeu o canto, a música, a confecção de instrumentos musicais, confecção de roupas em algodão, a esculturas, o trabalho agrícola e a viver em comunidade cristã.

Alvo de questionamentos, por definir-se como pedagogia tradicional, a concepção pedagógica proposta pelos jesuítas, nos Sete Povos das Missões tomou outros critérios, apesar de não ter sido tão agressiva e normativa quanto os colégios europeus, alcançou seus objetivos como projeto evangelizador e civilizatório. Além da catequese e da formação religiosa, os jesuítas proporcionaram aos indígenas a formação intelectual e as técnicas artísticas aprendidas nas oficinas, que andavam paralelas ao processo de aprendizagem e formação dos sujeitos. Porém estas atribuições não se encontraram presentes no novo modelo educacional proposto pela Reforma Pombalina, que se omitiu quanto a identidade indígena desprestigiando o trabalho promovido pelos jesuítas.



Referências

FILME: **Missão**. Diretor Rolande Joffé. Com Robert de Niro. 2':04":40. 1986.

FLECK, Eliane C. Deckman. **A educação jesuítica nos Sete Povos das Missões (séculos 17 - 18)**. Em Aberto v. 21, nº78, p. 109 – 120. Brasília, Dezembro de 2007.

FRANCA, Leonel. **O Método Pedagógico dos Jesuítas – O “Ratio Studiorum”** Introdução e Tradução. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1952.

KREUTZ, Estanislau Amadeu. **Missões Jesuítico – Guaranis: síntese histórica**. EDIURI, Santo Ângelo, 2007.

MUSEU DAS MISSÕES. Ruínas de São Miguel. **Desenho aquarelado, feito por membro da companhia Portuguesa de Demarcação do Tratado de Madri**. Rio Grande do Sul, 1756.

MUSEU DAS MISSÕES. Ruínas de São Miguel. **Acervo fotográfico e esculturas**. Rio Grande do Sul, 2013.

PRIMEIRAS **Cartas do Brasil 1551-1555**. Introd. e notas de Sheila Moura Hue. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

POUSADA DAS MISSÕES. <http://pousadamissoes.blogspot.com.br/2014/01/os-30-povos-das-missoes-parte-i.html> acesso: 17/12/2014

RATIO ESTUDIORUM. **O Método Pedagógico dos Jesuítas**. Acesso: 14/01/2014 Disponível em: http://www.histdbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/1_Jesuítico/ratio%20studiorum.htm.

SHOW DE SOM E LUZ. **História das Missões**. Rio Grande do Sul, 2013.